Mors-Amor

VERSOS DE
FELIX PACHECO

Ao

off.

Mors-Amor

Ao

off.

Felix Pache

Mors-Amor

Mors-Amor

VERSOS DE
FELIX PACHECO

AO GRANDE CORAÇÃO E AO BRILHANTE

ESPIRITO DE JOÃO LUSO

AMISADE FRATERNAL DO AUTOR

Alors, ô ma beauté ! dites à la vermine
Qui vous mangera de baisers,
Que j'ai gardé la forme et l'essence divine
De mes amours décomposés !

BAUDELAIRE

MORS-AMOR

Veste a chlamyde austera e grave do soneto
E vem cantar commigo, ó musa, o horror dá morte.
Deixa que em cada poema a idéa vibre forte,
Mas como um luar de amôr sob um velarium preto.

Deu-me Satan jovial um magico amuleto.
Asraêl marcará de hoje em diante o meu norte.
Hei de mudar em ti, num mal que me conforte,
O perfume da carne em riso de esqueleto

Tudo, tudo, por fim, mergulharei no abysmo,
Todas as tentações funestas de tua alma
E a belleza fatal de teu corpo maldito.

De heptacordio na mão, rindo do cataclysmo,
Novo archanjo revel, descreverei com calma
A Morte victoriosa estrangulando o Mytho.

MORTIS HYMENŒUS

E' um céo tranquillo e azul, um lirio branco, um lago,
Um symbolo de paz, uma columba mansa...
O coração glacial lembra um sol que descança...
Parado e morto, o olhar recorda um sonho vago...

Defunta, aqui me tens! Como offertorio, trago,
Para te reanimar, a luz de uma esperança.
Trago-te minha dôr, meu estro e minha lança.
Reclina-te, infeliz, sobre meu seio aziago!

Não raro a cova fria esconde a formosura :
Tua serenidade augusta e sóbria e forte
É apenas o véo que cobre a sepultura.

Poeta revelador tem sempre á vista o norte.
Toda alma afflicta e anciosa outra alma irmã procura.
Dá-me o teu braço e vem para o hymeneu da morte !

VHULDA

I

Deusa de longes terras mysteriosas
Por muralhas de estrellas defendidas,
Que aguia te trouxe ás varzeas corrompidas,
Sobre as ovantes azas victoriosas ?

Terras que sois ás deusas prohibidas,
Infinitas charnecas venenosas,
Cobri de magnolias e de rosas
A abjecta podridão de vossas vidas !

Mares de lama e fel, sinistros mares,
Fazei com que floresçam nenuphares,
Á passagem da deusa fugitiva.

Emquanto aqui viver peregrinando,
Que viva como vive além, sonhando,
Viva entre flôres, entre aromas viva!

II

Fundo, feio, fatal, funereo abysmo
Entre os nossos espiritos medeia.
Em baixo, a morte, a gargalhar, pompeia
Com revoltante e barbaro cynismo.

O preconceito, ó deusa, é uma cadeia,
E obstaculo qualquer mata o lyrismo.
Num doloroso e negro paroxismo
Toda minh'alma em convulsões anceia.

Ferrea manopla formidanda e bruta
Emmudece-me o verbo acalorado
E mais augmenta assim a dôr da lucta.

Ó deusa, libertemo-nos do mundo!
Que importa agonisar no abysmo fundo,
Quando esse abysmo é um leito de noivado?

III

Tens azas, vôa, sentimento, vôa!
Alma, sê resoluta e omnipotente!
Despedaça a fragilima corrente
Que ao humano mundo ignobil te agrilhôa!

Tudo na terra tomba e se esborôa.
Ascende, coração, triumphantemente!
Sinistra nau do meu anhelo doente,
Para as terras incognitas aprôa!

Como sombras phantasticas, errantes,
Nossas almas irão em noute escura,
Na volupia da morte arrebatadas.

Irão frementes, lubricas, ovantes,
Do inferno pelos circulos e estradas,
Na apotheose radiante da loucura!

IV

Profundas noutes negras, tenebrosas,
Noutes de desespero e de agonia,
Em que tudo parece uma elegia
Que em alaude vibram mãos piedosas;

Escuras noutes feias, mysteriosas,
Em que uma deusa deshumana e fria
Ordena que se cumpra a lei sombria
Do deflorar das virgens e das rosas;

Noutes mudas, phantasticas, soturnas,
Que estremecer fazeis de horror, nas furnas,
As carniceiras feras assassinas ;

Noutes do mal, abri-me o vosso pallio !
Sêde o maldito e funebre agasalho
Desse amôr, que, ao nascer, se fez em ruinas !

V

Sombras, phantasmas, allucinações,
Ancias de morte, brados de agonia,
Gestos de enferma e lugubre ironia,
Uivos de coleras, imprecações;

Tudo que vive occulto á luz do dia
E que, acordando á noute os corações,
Vibra na treva funebres canções
Cheias de dôr e de melancolia;

Tudo dentro de mim blasphema, grita,
Anceia, chora, vocifera, clama...
Oh lagrimas de sangue! Oh ais profundos!

Tudo dentro de mim estruge e brama,
Como se da alta abobada infinita
Rolassem com fragor todos os mundos!

KARNAK

A MEU PAE

Nobre solar de outrora, hoje tristonho,
Meu legendario e funebre castello,
Sombra, esqueleto, spectro do meu sonho !

Lembrando o teu perfil bizarro e bello,
O antigo luxo, as graças, a alegria,
Evoco a sombra de apagado anhelo.

Anteriormente em teu logar havia
Lindos campos em flôr e humildes choças
A doce, agreste e singular poesia.

Cahiram no chão as rusticas palhoças,
E, desbravado o solo, anniquilou-se
Todo o aspecto bucolico das roças.

O paganismo primitivo e doce
Do macegal bravio e das cabanas
Em graça bem cuidada transformou-se.

Eis já de flôres raras te engalanas.
Levantam-se, alinhadas, as palmeiras,
Nobres, altas, nostalgicas, ufanas.

Tudo mãos femininas feiticeiras
Vão dispondo com arte e com carinho,
Para inveja das outras jardineiras.

Coitada! Ai não pensara em tanto espinho,
Em tanta escuridão, em tanto frio,
Nem que tão cedó abandonasse o ninho!

Era tão bello aquelle sol de estio!
Não pensara que a morte viesse e abrisse
Os braços tão depressa como abrio.

Tudo, com archangelica meiguice,
Tudo, tudo, vigiava e corrigia:
Nada era feito alli sem que não visse.

A trepadeira flórida encobria
O tanque de aguas limpidas e frescas.
Era um perpetuo amanhecer de dia!

Suggestionava historias romanescas:
Por entre aquellas flôres perfumosas,
Desdemonas, Ophelias e Francescas

Erravam como sombras vaporosas.
Sirynge alli fugira ao régio Pan,
Corça esquiva, entre as arvores umbrosas,

E, emfim, vencendo-a o deus na fuga vã,
Em verde canna subito mudara
E ao deus vencera a sylphide pagã.

Viam-se cousas que o mouro não sonhara:
Hemicyclos de seixos pequeninos,
De uma belleza caprichosa e rara.

Perto vibrava sempre a voz dos sinos,
No templo que nasceu junto commigo,
E onde escutei primeiro os sacros hymnos.

Volvo atraz do caminho por que sigo
E já nem vejo as torres da alta igreja,
Sombras dispersas do meu tempo antigo.

Tudo uma nuvem tragica negreja.
Lá deixei, numa tumba, parte d'alma,
Onde a saudade lúrida viceja.

Guarda o sepulcro um anjo de aza espalma:
Vêde em que triste symbolo resumo
A minha antiga e luminosa calma!

Ah! como é triste essa espiral de fumo!

Flôr do perdão, Maria, ó mãe piedosa,
Guia no val de lagrimas teu filho,
Para que vença a guerra tenebrosa.

Marca-me o verdadeiro e nobre trilho.
O conselho e o consolo dos teus olhos
Aclarem sempre a estrada que palmilho.

Fórra de arminho os cardos e os abrolhos,
Rasga sulcos de luz no escuro pego,
Accende altos pharóes sobre os escolhos!

Neste oceano trahidor por que navego,
Ha vendavaes e perfidas sereias.
Não abandones nunca o pobre cego!

Tu que és divina e tudo, tudo enleias
Com teu poder angelico e profundo ;
Cuja vida resurge em minhas veias

E andas agora em constellado mundo :
Dá que não ouça canticos de ondinas,
Manda que aquiete o pélago iracundo !

Armem-se em guerras invejas pequeninas :
Toda a miseria humana a mim que importa,
Se tenho a calma e a intrepidez leoninas,

Para vencer a sorte vesga e torta ?
Que importa a mim a dôr tumultuaria,
Se uma santa me alenta e me conforta ?

O' sorte cega, inconsistente e varia,
Que, alheia, o riso e as lagrimas espalhas,
Sabei que tenho a força legendaria

Que abala os céos e que derrue muralhas !

SYMBOLO D'ARTE

Si o meu verso não fôra o agonisar de um lirio,
E o suave funeral de um chrysanthemo roxo,
Diluindo-se, murchando, á vaga luz de um cirio,
Entre o planger de um sino e o gargalhar de um môcho ;

Si, essas flôres do mal, em pleno desabrocho,
Eu não sentira em mim, n'um extase e em delirio,
Meu orgulho de rei julgara vesgo e frouxo,
Pois a gloria de um sol não vale esse martyrio.

Se, na terra que piso, algum premio ambiciono,
É o deserto, a kabala, o claustro, a esphinge, o outono,
O almo encanto da noute e a augusta paz da morte...

E o meu symbolo d'arte, o ideal que me fascina,
É a tristeza a florir a graça feminina,
Como um pharol presago a illuminar o norte!

PALLIUM

A CARLOS D. FERNANDES

Poeta, gnomon do amôr, interprete da vida,
Para que o verso, eterno e augusto, as almas prenda,
É mister que o fecunde a solidão tremenda.
A noute é a propria gloria em si que te convida.

Para que um poema arraste as éras de vencida
E embale gerações e gerações e esplenda,
Sobre o marmore caia a tunica da lenda,
Na escuridão sem fim das duvidas tecida.

Noute, sinistra irmã do silencio e da morte,
Mensageira de Deus, que acolhes no teu seio
Os vencidos do amôr e os naufragos da sorte!

Noute consoladora, eleva deste anceio
Á redempção da gloria o reprobo sem norte!
Eternisa e abençôa os versos que te leio!

CAPRICHOSA

Quizera unir ao meu todo esse corpo nobre
Que no meu sonho envolvo em lagrimas e em lirios,
Mas hei de succumbir a sós, entre martyrios,
Pois o premio é demais a um coração de pobre.

Desejara morrer á luz dos mesmos cirios,
Descer á mesma tumba, ao som do mesmo dobre.
E ella, que o sabe e o quer, finge que o não descobre,
Para ascender sózinha aos fulgidos empyreos.

Porque motivo então me escuta a ardente lôa ?
Porque me encara então, si, olhando, me agrilhôa ?
Porque então impedir que o escravo se lhe roje ?

Se pede, então porque não me deixa que attenda ?
Porque se envolve então nessa bruma de lenda ?
Se me attrahe, porque então ao mesmo tempo foge ?

A MASCARA DO EREMITA

Por não poder gosal-a e não poder possuil-a,
Baixo, contrito, a voz na mentira do verso.
Fallo com tal uncção que a omnisciente sibylla
Só me vê na pureza em que me finjo immerso.

Suspenso sobre o abysmo, o poeta anceia e oscilla,
Sentindo o oiro do sonho em poeira vã disperso;
Mas dentro do ermitão que me cobre e anniquilla,
Ninguem suspeitará que brilhe um sol diverso.

Na alvura sideral do meu amôr de monge,
Placido e austero amôr todo cheio de algemas,
Passo a vida a mentir, contemplando-a de longe.

— Engano ! Eu te quizera igual no ardor que sinto,
Impudica e pagã, nas volupias supremas,
Na glorificação estupenda do Instincto !

CANÇÃO DO LOUCO

ESTROPHES QUE OPHELIA NÃO OUVIO

A MAURICIO JUBIM

Assim fallava o pobre Hamleto,
No seu monologo de louco :
Porque floresce em rosas o esqueleto ?
Porque revive o que morrera ha pouco ?

Nenhum mortal meu verbo entende.
Não vivo aqui, mas n'outros mundos.
Ando a sondar os ermos fundos,
Que a escuridão cobre e defende.

O meu amôr é como a neve,
Algido e triste, branco, branco...
A aza do sonho é melindrosa e leve:
Ai do cantor que vôa com arranco!

Sou dos eleitos e dos profundos.
Ninguem me estima e ninguem me entende.
Érro no exilio por baixos mundos.
Vago na terra como um duende.

Meu coração é como a noute,
Austero e negro, mudo, mudo...
Cada raio do sol seja um açoite:
A luz não rompe o tenebroso escudo.

Homem nenhum meu verbo entende.
Não sou d'aqui, mas de altos mundos.
Vim explicar mysterios fundos,
Que a escuridão gera e defende.

O meu amôr é como a sombra,
Vago, impalpavel, vago, vago...
A todos a visão da cova assombra :
Perpetuamente a morte n'alma trago.

Vago na terra como um duende.
Sou dos eleitos e dos profundos.
Érro no exilio por baixos mundos.
Ninguem me estima e ninguem me entende.

Meu coração é como um claustro,
Meditativo, silencioso...
Venham deusas do Olympo em aureo plaustro :
Não rolarei no vórtice do gozo.

Ando a sondar os ermos fundos
Que a escuridão cobre e defende.
Nenhum mortal meu verbo entende.
Não vivo aqui, mas n'outros mundos.

O meu amôr é como a morte,
Tragico e sério, feio, feio...
Arme ciladas perfidas a sorte :
Tem couraças de lagrimas o seio.

Sou dos eleitos e dos profundos.
Vago na terra como um duende.
Ninguem me estima e ninguem me entende.
Érro no exilio por baixos mundos.

Meu coração é como um lirio,
Immaculado, alvo, alvo...
Faunos, bacchantes, vinho... Ah que delirio !
Só eu da orgia humana fiquei salvo.

Vim desvendar mysterios fundos,
Que a escuridão gera e defende.
Não sou d'aqui, mas de altos mundos.
Homem nenhum meu verbo entende.

O meu amôr, como um phantasma,
É todo estranho, aério, aério...
Ser ou não ser... Ha morte, ou tudo é plasma ?
Como se apprende bem num cemiterio !

Vago na terra como um duende.
Ando no exilio por baixos mundos.
Sou dos eleitos e dos profundos.
Ninguem me estima e ninguem me entende.

Meu coração, como o do mouro,
Mata, estrangula, é torvo, torvo...
Prefiro á palma triumphal do louro
As azas protectoras de algum corvo.

Nenhum mortal meu verbo entende.
Ando a sondar os ermos fundos,
Que a escuridão cobre e defende.
Não vivo aqui, mas n'outros mundos.

O meu amôr é como o vento,
Vário, voluvel, vário, vário...
Dão todos liberdade ao soffrimento :
Eu enclausuro a dôr num relicario.

Sou dos eleitos e dos profundos.
Vago na terra como um duende.
Ninguem me estima e ninguem me entende.
Érro no exilio por baixos mundos.

Chamam-me louco. Louco porque ?
Ninguem me estima e ninguem me entende.
Ha outros mundos que ninguem vê
E outras especies no inconcebivel.
Pareço apenas incomprehensivel.
Vago na terra como um duende.
Ha outros mundos que ninguem vê.
Sinto bem claro todo o invisivel.
Sou dos eleitos e dos profundos.
Érro no exilio por baixos mundos.

Homem nenhum meu verbo entende.
Não sou d'aqui, mas de altos mundos.
Vim só rasgar mysterios fundos,
Que a escuridão gera e defende.

CLAUSTRO DE OURO

Acreditas talvez que a cella te convida
E queres te encerrar entre paredes nuas,
Surda ao rumor profano e insólito das ruas,
Alheia ao turbilhão phantastico da vida.

Freira : branca visão, vaga sombra esquecida...
Astros da noute, adeus, enamoradas luas!
Não mais constellareis de amôr as phrases suas,
Arrulos de columba esquiva e mal ferida...

Mas tudo isso porque? Por ventura não sentes,
Nos meus versos de amôr, as musicas dolentes
Da vida conventual, um carrilhão tristonho?

A alma do teu cantor é como um claustro antigo.
A renuncia, a oração, a paz, vivem commigo.
Qual o exilio melhor que o mosteiro do sonho?

MUSA DECADENTE

Eis morto o redolente e constellado outono,
Que conservava ainda a gloria do teu seio.
Triste, desolador, implacavel e feio,
O inverno, eil-o ahi está, núncio do eterno somno.

Não mais no corpo ideal o magestoso entono.
Sem fulgores, o olhar, que do Olympo te veio,
Não será, como outrora, indifferente e alheio
A quem comtigo soffre o horror desse abandono.

Ha de seguir-te sempre um sol de primavera.
Celebrarei no verso amoroso e vibrante
O baquear dos torreões do encantado castello.

Teu inverno ha de ter, como o outono tivera,
Ó helianto que murcha, ó astro agonisante,
O tumultuoso amôr dramatico do Othelo !

SUISSA

Do cahos informe e torvo o homem surgio perfeito,
Perfeito como Deus e á sua semelhança,
Sem peccados na idéa e sem rancor no peito,
Perfeito para o amôr e a bemaventurança.

Veio Satan depois e acorrentou-o ao eito.
Seduzio o zagal e armou-o de uma lança.
O castello do amôr desde então foi desfeito :
Hoje quem mais trucida e insulta mais avança.

Nobre e augusto paiz das neves e dos lagos!
Povo bom e viril, que, do alto dos teus montes,
És como a luz que guiou no Oriente os Tres Reis Magos!

Quiz Deus que, junto a si, ás paixões em tropel
Mostrasses, como um sol, dos altos horizontes,
A legenda immortal do teu Guilherme Tell!

RUINAS

I

Eis-me liberto emfim das vis algemas,
Que eram minha vergonha e meu tormento.
Alma sentimental, recobra alento
E esquece a dôr num turbilhão de poemas!

Novos rumos á vida, novos lemmas,
Nova bandeira desfraldada ao vento!
Não vale o captiveiro um só lamento.
Não chores, vencedor! Alma, não tremas!

Impassivel guerreiro aventuroso,
Espirito viril e intemerato,
Não tremas e não gemas, alma forte!

Surja e floresça o verso magestoso,
A rima sobreviva ao desbarato,
Para as bençãos e os osculos da morte!

II

Se a consciencia tens calma e tranquilla,
Tranquillo e calmo o somno, quieto o seio,
Não te acabrunhe nunca o vão receio
Da peçonha que a perfida destilla.

Alma, que já não és humilde ancilla,
Homem, que ás commoções vives alheio,
Na mansuetude azul do devaneio
A nodoa da injustiça se anniquilla.

De que vale a toleima dos injustos,
Se tu do teu acerto estás seguro
E a voz de Deus em ti não te condemna?

Segue sem sobresaltos e sem sustos,
Pois contra quem amou e amôr fez puro
É irrisoria e vã e innocua a pena.

III

Vociferem os vandalos... Que importa?
Que importa que te insulte o mundo todo
E te cubra de estigmas e de lodo,
Se a sombra que te segue te conforta?

Virá bater um dia á tua porta
A lisonja servil em vez do apodo.
Responderás então do mesmo modo:
Que me quer este sequito da morta?

«Miseravel captivo enamorado,
Que o universo de lagrimas inundas,
Que vale o teu clamor, escravo pobre?»

— Foi esse outrora o deshumano brado.
Humilham-se bem cedo as iracundas,
Nem ha mulher que se não dome e dobre...

IV

Um dia voltará, então captiva,
Purificada pela penitencia,
Pedindo, como um obolo, a clemencia
E o perdão, que não deu quando era viva.

Na mesma calma soberana e altiva
Com que lhe ouvi outrora a virulencia,
Responderei que os bens da complacencia
Mudaram-se na raiva convulsiva.

Ou nada então direi, pois que é defunta
E não se deve andar com quem não vive,
Fallar ao nada, á miseravel poeira...

A cabeça, do espirito desjunta,
Rolou, rolou, rolou por um declive:
De que serve o perdão para a caveira?

SEMPER VIRENS

Primavera passou, romantica, florindo,
E o verão succedeu á primavera morta ;
Mas teu corpo, a fulgir no outono que o transporta,
Ainda será no inverno um sol radioso e lindo.

Deusa soberba e augusta, alheia ao tempo e absorta,
Não percebes sequer, em torno ao velho Pindo,
Os Olympos tombando e as Acropoles ruindo,
Num fragor infernal que espanta e desconforta !

Viridente loureiro eterno e esplendoroso,
Cuja copa immortal se multiplica em palmas
Aos guerreiros, aos reis, aos aédos e aos sabios :

És a gloria suprema, és o perpetuo gozo,
E trazes, para enleiar e seduzir as almas,
A eternidade e o amôr vibrando nos teus labios !

RITO DOS ELEITOS

A SATURNINO DE MEIRELLES

Como outrora as vestaes a sacra chamma
Alimentavam nas marmoreas pyras,
Alimentae a dôr e as grandes iras,
Tudo que o tedio lúrido conclama :

Desillusões crueis e anhelos torvos,
Na indescriptivel procissão das ancias;
A funda nostalgia das distancias
E as expressões symbolicas dos côrvos...

Mergulhae, desfazei-vos na amargura,
Pois que só ella engendra maravilhas.
As obras immortaes são sempre filhas
Dos hymeneus do mal com a noute escura.

Luas más, luas gélidas, opacas,
Illuminem-vos o intimo das almas.
Os silencios, a morte, as cousas calmas
Não se fizeram para as mentes fracas.

Pisae eternamente sobre os cardos
Da augusta via sacra dos horrores.
Fibra só tem de heroes e vencedores
Quem já sentio o peso desses fardos.

Mares cantae, colericos, convulsos,
Mares que são eternos rebellados.
Celebrae a legião dos indomados,
Que algemas não supportam sobre os pulsos.

Cultivae como flôres bem amadas,
No horto deserto dos desilludidos,
Roxas saudades tristes, maceradas,
Que purifiquem todos os sentidos.

Arte não ha que os ermos não prefira.
Renegae de uma vez o paraiso,
Para mostrar no verso mais conciso
Os infernos que Dante não previra.

Vivei unicamente para as dôres,
Os mysterios, as duvidas e as ancias.
O purgatorio é a estufa dessas flôres.
Eleitos, aspirae-lhes as fragrancias !

O POETA E O TEMPO

São sempre iguaes na idade os deuses e as chimeras.
O poeta é um deus tambem. Pertence-lhe o infinito.
Perdido na amplidão sempiterna do mytho,
Fica de todo alheio ao desfilar das éras.

Succumbam gerações no circulo restricto
E passem, no vai-e-vem sem fim, as primaveras.
O poeta ha de viver, para além das espheras,
Esquecido e immortal, todo entregue ao seu rito.

Eclipticas de sóes, movimentos dos astros,
Outonos e verões correndo atraz de invernos,
Tudo isso diz que o mundo anda tambem de rastros.

A propria formosura é vã nesses infernos:
O sepulcro dispersa em pó os alabastros.
Unicamente Deus e o Poeta são eternos.

ESPELHOS

Em cada flôr, em cada estrella, em cada
Raio de sol, por toda parte em summa,
De dia, á noute, no ar, no azul, na espuma
Do oceano, vive a alma de minha amada.

Nos valles e nos rios, no luar, n'uma
Montanha, que, na curva illimitada
Do horizonte, impassivel e calada,
O seu perfil phantastico ergue e apruma;

Em toda a natureza anda sua alma,
Na tempestade assim como na calma,
Em tudo a vejo, multipla miragem !

Vivo a fital-a, extatico, de joelhos,
A contemplar de joelhos sua imagem,
Reproduzida por milhões de espelhos!

VINDICTA

Has de um dia acabar num turbilhão de beijos.
A cafila immortal que Jupiter governa,
Capripedes senis da velha Grecia eterna,
Virão para o festim aos tombos e bocejos.

Os palhaços e os cães, monstros e animalejos,
Hão de beijar-te o collo, a nuca, o ventre, a perna.
Vagalumes pagãos levarão a luzerna
Pelo teu corpo a dentro, em febre e em rumorejos.

E a rir dos labios maus que me negaram tudo,
Hei de vêl-os morrer no horror de tantas boccas.
Dirá depois a tumba ao terminar o entrudo:

«Por ter negado um beijo a um poeta sem luxuria,
A justiça proclama estas palavras loucas:
— Mataram-na, beijando, os satyros em furia!»

ESCRAVA

És minha, minha só, quer saibas, quer não queiras.
Pódes correr, fugir e voar até... Que importa ?
A sombra do teu corpo esquivo me transporta.
Comtigo seguirei nas fugas e carreiras.

É vão qualquer ardil contra as azas ligeiras :
Quando nos falta o amôr, o ciume nos conforta.
Na terra, ou pelo céo, ou sejas viva ou morta,
Hei de seguir-te sempre as marchas sorrateiras.

De uma deusa tambem se faz uma captiva.
No teu corpo fatal, que ao meu amor se esquiva,
Nos invernos do olhar, no seio e no cabello,

Nos labios e nas mãos, nos pés, por teu castigo,
Os grilhões do meu ciume atroz levas comtigo :
Hão de seguir-te sempre os olhos do meu zelo !

PARAISO PERDIDO

Vamos, desce dos céos, baixa do azul, intrusa!
Dentro de ti a dôr aprofundou raizes.
O destino te quer num carcere reclusa.
Vamos, celebra então o mal dos infelizes!

A mulher que te amou esquiva-se, recusa,
Zomba do teu fervor, de ti, de quanto dizes.
A renuncia ao prazer seja o teu voto, musa!
Lyra da maldição, chora as ancias ultrizes!

Se te expulsam do cêo, bemdize a desventura,
Que o diabo quer tambem lithanias ao bello.
Musa, desce do azul para o clamor eterno!

Role, num turbilhão de ruinas o castello,
Feche-se o trovador dentro da sepultura
E a arte floresça então nos bárathros do inferno!

OLGA

I

TENTAÇÃO

Austero anacoreta, o mais que aspiro
É a propria soledade que me enleia.
Deusa, visão, mulher, sombra, sereia,
Porque me vens ferir com teu suspiro?

Pois só porque o incognito prefiro,
Por mais fecundo aos extases da idéa,
Cercam-se logo as hyenas de alcatéa
E andam sombras commigo em meu retiro?

Eva sinistra, apparição obscura,
Que as invisiveis mãos e o olhar estendes
Sobre quem te não vê se te procura,

Tu que sabes velar, como os duendes,
O passo, o gesto, a voz e a formosura,
Sombra, visão, quem és e que pretendes ?

II

ESTATUA ENFERMA

Desvendo-lhe de longe o pensamento e o ninho.
Doente, dormindo á sós na camara tristonha,
Entre os alvos lençóes de perfumoso linho,
Olga, no almo languor dos chrysanthemos, sonha.

Uma idéa de amôr, trahidora como vinho:
Alguem quer vêl-a assim, descomposta e bisonha,
E esse alguem se aproxima em busca de um carinho.
Um sonho mau. Desperta. Eil-a outra vez risonha!

Mulher soberba e má, estatua linda e fria,
Deusa do desamôr, ninguem, ninguem te via,
Deusa de alma de pedra e sorrisos de gelo !

Se o meu sonho e a minha arte andam num vôo infrene,
Comtudo não mereço as honras do teu zelo,
Pois só venero em ti o marmore solenne !

III

SEREIA DESENCANTADA

Eis-te casada emfim. Mas, logo á noute, quando,
Na camara nupcial, entre os braços do esposo,
Succumbires de amôr e tombares de goso,
Um fauno escutarás, ao longe, protestando.

E o capripede mau fará o que não ouso :
Num escarneo supremo, em timbre suave e brando,
Ao inane casal acabará contando
Uma historia de amôr, que o reêrga impetuoso.

E voltará, a rir, nas azas de um bezouro,
Diabolico, zunindo ao pé do cortinado,
Para ensinar aos dous as bregeirices de ouro.

Até que um dia, emfim, o ventre que se arqueia,
Despeça para a luz o filho mal gerado :
Era uma vez então o encanto da sereia.

PERSEPHONE

Velhos mythos pagãos da Grecia das legendas !
Phantasticas ficções doiradas do Levante !
Persephone fugio do bárathro distante,
E anda agora a correr outras estranhas sendas !

Tem vermelhos vulcões na tunica de rendas.
Chammas lambem-lhe os pés, sobem-lhe collo adiante,
Mudam-lhe o rosto em fogo, e a cabeça, triumphante,
Conserva o resplandor das trevas e das lendas !

Não lhe falleis de amôr, poetas cégos e vários!
Persephone fugio dos diabos e do inferno
Para vos seduzir... Fechae vossos hymnarios!

Não amará jamais... Plutão, por mal eterno,
Ao corpo ideal lhe deu as chammas por vestuarios,
Mas na alma infiel lhe poz todo o frio do inverno!

A GLORIA

(OUVINDO «ARTEMIS»)

Sóbe-se. Brilham sóes. A luz embriaga. Vibra,
Nas alturas, um poema, a hosanna dos eleitos.
Vêem-se, em baixo, milhões de castellos desfeitos.
Sóbe-se mais, mais alto ainda. A alma se libra,

—Aguia de azas de ferro,—aos mundos mais perfeitos.
Nas ignotas regiões longinquas se equilibra.
A alma de Icaro audaz nos pulsa em cada fibra
E Atlas e Prometheus nos animam os peitos.

Blócos sem expressão de Paros e Carrara,
Que genial esculptor pagão vos animara?
Gloria, que negro archanjo os teus porticos véda?

Argonautas, em vão buscaes o grande porto:
A gloria, oh aguias reaes, vereis depois da quéda,
É sempre o vão laurel de um cavalleiro morto!

PARALIPOMENON

(DORA)

DE ALMA ABERTA

CONFISSÃO INICIAL

Dá que te conte agora o horror da minha historia
E os tormentos sem fim que trago dentro d'alma.
Nem chimeras azues, nem anhelos de gloria
Irão te perturbar a luminosa calma.

Fõram-se os genios bons que andavam no meu seio,
Vibrando hymnos de amor em harpas de aureas cordas.
Vivo immerso e perdido em afflictivo anceio,
Como um phantasma vão de um grande abysmo ás bordas.

Parnaso a fóra, a voar, com a mente accesa e inquieta,
Quiz vêr e quiz possuir a musa mais distinta.
Não creias tu, porém, que azas de borboleta,
Em adejos subtis, ruflando n'alma, sinta.

A primeira que achei era de facto louca ;
A segunda, a terceira, as outras todas, falsas.
Evoco-as e ellas vêm, gyrando ao som de valsas,
Cada qual mais infiel, com osculos na bocca.

Amei-as muito, muito, amei-as como um puro,
Como um sincero e um crente, amei-as longos annos.
E o que resta por fim do delirio perjuro?
Trevas e maldições, poeiras e desenganos.

Bemdigo o que soffri, ó multidão trahidora!
Bemdigo a grande dôr que abriste no meu peito,
Pois se não fôra a dôr, se o veneno não fôra,
Não gozaria agora outro amôr mais perfeito!

Noiva, tua paixão é mais robusta e nobre
E a paixão que te voto é mais digna e mais alta.
Se és, como sou tambem, desilludida e pobre,
Se és triste como sou tambem, que mais nos falta?

Suave consolação da magua solidaria,
Cobre com teu silencio este amôr triste e mudo.
Não receies, ó noiva, a sorte céga e vária,
Que a dôr nos servirá contra a sorte de escudo!

CALICE PROTECTOR

CONSOLO MAGICO

Melancolico e só, pelas desertas sendas,
Peregrino da dôr, cavalleiro da morte,
Os mundos percorreu, somnambulo, sem norte.
Cardos eram-lhe o leito e astros eram-lhe as tendas.

Hymnos, poemas ideaes, elegias tremendas,
Tudo fez perpassar na aurea lyra de forte.
Sombras frias do amôr, deusas de estranho porte,
Envolveram-lhe o olhar na alva nevoa das lendas.

Balladas e canções suaves e evocativas
Lembram ainda os perfis dessas nymphas esquivas,
Que o coração pueril tão fundo lhe vararam.

Mas o poeta sem fé já não soffre perigo.
As petalas de um lirio ameno o ampararam,
E elle dorme, feliz, á sombra desse abrigo.

CARCERE DE OURO

SILENCIOSA

Como um lirio, que, á noite, entrefechado,
Sonha em silencio amores languorosos,
Ella vive sonhando estranhos gozos
Da sua dôr no carcere doirado.

Nem dos seus tristes olhos mysteriosos
Um raio só revela ao seu amado
O segredo do verbo sepultado
Nesses frios silencios dolorosos.

É uma alma feita de melancolia,
De mysterios, de calmas e de maguas :
—Sphinge de gelo, que no olhar trouxesse

Toda a acerba expressão da nostalgia,
Sombra de Ophelia morta sobre as aguas,
Santa Thereza no extase da préce...

DELIRIO MYSTICO

SANTA

Dizem bem os bandós com teu perfil de santa.
Prefiro vêr-te assim dolente e nebulosa.
Não ha no branco lirio os clangores da rosa :
Monja, porque fingir de rainha ou de infanta ?

Nem de outra forma a dor me arrebata e me encanta :
Quero a tristeza ideal da Mater Dolorosa,
— No olhar, toda a expressão austera e religiosa
De uma hostia de luz que até Deus se levanta.

Um quadro medieval: freiras e monasterios...
Lembram esses bandós crepusculos tristonhos,
Sombras em derredor dos teus olhos funereos...

Vejo um andor de prata e archanjos a leval-o...
Segues, em procissão, a Via Crucis dos Sonhos,
No andor, com teus bandós, circumdada de um halo!

LUXURIA BRANCA

A NEBULOSA

Precocemente vinda
A' terra onde se goza,
Andas assim como esquecida.
Tu não nasceste ainda
Para a vida,
Para a fecundação da luz maravilhosa,
Que tudo anima e tudo movimenta,
Tudo, tudo...
Rosa
Adormecida
No proprio seio mudo,
Mal aberta, obscura,
Ainda não te acalenta

O flavo sol enamorado,
Nem sabes quanta paz, nem que enorme doçura
Ha num beijo do luar.
Anda uma sombra ao teu lado
E nada vês.
Olhar e não olhar
É, para os teus olhos,
Sem expressão, sem iras, sem mercês,
A mesma cousa.
Pouco te importa um berço ou uma lousa.
Os pharóes e os escolhos,
Os passaros e as féras,
Invernos e verões, outonos, primaveras,
Têm o mesmo valor.
Em tudo são eguaes
A guerra, a paz,
O amôr
E a morte,

A estrella, o sapo,
O crepusculo, a aurora,
O norte
E o sul,
Uma nuvem, um trapo,
O ente que ri, o ente que chora,
O azul
E o lodo,
O dia, a noute,
Um espinho, uma rosa, um beijo ou um açoute...
Todo
O universo que vês é um só nevoeiro,
Branco, uniforme, impreciso,
Um nevoeiro vago,
O cahos de onde sahirão inferno e paraiso,
O campo, o valle, o monte, o rio, o mar, o lago,
Quando chegar o sopro omnipotente,
O sopro animador, o grande sopro forte...

Dia virá, — o céo escute o crente ! —
Em que, mulher então, pubere o seio,
O olhar já destinguindo a vida e a morte,
Desenvolto o quadril, o sangue ardente,
No mesmo vivo e caloroso enleio,
A bocca entregue ás expansões do beijo,
Estos de amor vencendo o pejo,
Meu bello e delicado chrysanthemo,
Lado a lado a voar no céo risonho,
Commigo subirás, num extase supremo,
Ao sonho !

ASMODEU CREADOR

FLOS FLORUM

Mephistopheles, ri ! Salta, Satan jocundo !
Eva foi obra vã de um Deus inepto e manco.
Radiosa surgirás do cahos de que te arranco.
Formoso girasol do valle, eu te fecundo !

Torvo Asmodeu, presido á genese de um mundo.
Para gloria do amor, se lhe arredonda o flanco.
Ao calor do verão, surgem, no collo branco,
Os pomos de ouro e luz, vindos de um céo profundo.

A alma que importa a mim, se o corpo fiz perfeito ?
Quando a estatua é formosa o amor só pede um leito...
A belleza é immortal. E's bella. Que mais queres ?

Na correcção da fórma ideal, que se não parte,
Abra-se a grande flôr, para gloria da arte,
E appareça a mulher mais bella entre as mulheres !

CAVOUQUEIRO SINISTRO

PRIMEIRA LAGRIMA

Cavouqueiro sinistro, eia! perscruta as minas
E abre de par em par o coração da terra,
Em cujo seio avaro o mysterio se encerra
E soluça a creação balladas sibylinas!

Emquanto, em cima, á luz, os seculos, em ruinas,
Baqueiam com fragor que tudo abala e aterra,
E o homem, nos Parthenons desmoronados, erra,
Geram-se, em baixo, sóes e estrellas peregrinas.

A alma humana é tambem como um perfeito mundo.
Cavouqueiro sinistro, o poeta ás minas desce,
Para arrancar de lá o segredo profundo.

... Assim, como um pagão violando um relicario,
De seu olhar absorto, em extase de préce,
Fiz emergir, radioso e bello, um solitario !

CONDÃO SUPREMO

MÃOS EVANGELICAS

Havia em cada canto um quadro de Gomorrha
E essa dissolução gozava magestade.
Á solta os leões do instincto e as hyenas da maldade...
Achincalhada a fé nas grades da masmorra...

—«É necessario alguem que aos miseros soccorra,
Alguem—exclamou Deus—alguem, que, com piedade,
Possa o mundo remir, para que a humanidade,
Surprehendida por mim, na bacchanal não morra.»

Baixaste ao lodo então, mensageira celeste.
Para os vicios curar com teus perdões, trouxeste
Longas e finas mãos langues e abençoadoras.

E essas esguias mãos de uma extrema brancura,
Feitas para espalhar as bençãos redemptoras,
Valem por um condão que tudo transfigura!

ORPHEU CAPTIVO

Dizem que fui voluvel, mas não creias
Que a volubilidade fosse minha.
Se não raro fugi, culpa as sereias,
Cujo amôr num amôr não se continha.

Não lhes menti jamais. Sincero, amei-as
E erigi cada qual numa rainha.
Quantas ondinas más nestas areias!
Quanta nayade infiel aqui me vinha!

Mas, desde que chegaste, o pobre nauta,
Que um dia ás lindas plagas arribara,
Misera sombra erratica de Orpheu,

Jogou no glauco abysmo a doce frauta,
E, sem lembrar as perfidas que amara,
Abençôa os grilhões desse hymeneu!

OFFERENDA

Não te prometto os céos, a terra toda,
Nem ricos ouropeis de vãs princezas.
Não comerás commigo em régias mesas
E nem damas de honor terás em roda.

Ha de ser muito obscura a nossa boda.
Nossas almas assim serão mais presas.
Só dizem bem vaidades e realezas
Noutras rainhas ephemeras da moda.

Não te darei sequer um pobre sonho,
Phantasia infeliz de enamorado,
Suave expressão de um bem que dura pouco.

Terás somente um coração tristonho,
As flôres do jardim de um torturado
E o profundo saber da alma de um louco.

VOLUPIA AZUL

SYMPHONIA DOS OSCULOS

Dá que te aperte as mãos, santa miraculosa!
Aconchega-te a mim, tranquilla, em abandono,
Na immacula abstracção ideal do meio-somno
D'essa volupia azul da Virgem Mãe radiosa!

Quer o sol repousar á sombra de uma rosa.
Sê tu, que és meu pharol, meu thesouro e meu throno,
O almo consolo bom d'esse precoce outono,
Que ainda é primavera em flor, se te endeósa!

Aconchega-te a mim! Recosta a bella fronte
Na cabeça fatal, pobre cabeça louca
De um trovador sem fé que só tem um desejo:

Antes que para nós o luar do amor desponte,
O hymno da annunciação venha de tua bocca
Trazer-me a bôa nova esplendida do beijo!

INDECIFRAVEL

Quanto mais te aprofundo e te analyso
Menos te comprehendo e te conheço.
Alma de esphinge, coração avesso,
Quem me decifrará o teu sorriso ?

Vou do principio ao fim, volto ao começo,
Teimo, caminho e perco-me indeciso.
Penso ás vezes que estou no paraiso,
E, quando acórdo, é no negrume espesso.

Quem me revelará o teu segredo,
Anjo da maldição, demonio tredo,
Alheio ao mal e indifferente ao bem ?

Sabes pensar, sentir, és morta, és viva ?
Quem me dirá, ó alma primitiva,
Quem me dirá tudo isso, ó deusa, quem ?

INDICE

Acabado de imprimir
em 25 de Novembro de 1904, nas
officinas typographicas
do
"Jornal do Commercio"